

“E O CRUZEIRO CONTINUA DE PÉ”: A TRAJETÓRIA NÔMADE DO ESPORTE CLUBE CRUZEIRO EM PORTO ALEGRE (1913-1971)¹

Gérson Wasen Fraga²

Resumo: A história do Esporte Clube Cruzeiro (RS) é marcada por sucessivas mudanças de endereço. Sua trajetória pela cidade confunde-se com a popularização do futebol e com o crescimento da metrópole. Neste artigo, tomamos a relação entre estádios e espaços para refletirmos sobre o vínculo entre estas estruturas materiais, o crescimento da urbe e a atribuição de sentidos aos seus espaços.

Palavras-chave: Futebol; Crescimento Urbano; Estádios.

“And the Cruzeiro is still standing”: the nomadic trajectory of Esporte Clube Cruzeiro in Porto Alegre (1913-1971)

Abstract: The history of Esporte Clube Cruzeiro (RS) is marked by successive address changes. His career in the city is intertwined with the popularization of football and the growth of the metropolis. In this article, we take the relationship between stages and spaces to reflect on the bond between these material structures, the growth of the city and the attribution of meanings to their spaces.

Keywords: Football; Urban Growth; Stadiums.

"Y el Cruzeiro sigue en pie": la trayectoria nómada del Esporte Clube Cruzeiro en Porto Alegre (1913-1971)

Resumen: La historia del Esporte Clube Cruzeiro (RS) está marcada por sucesivos cambios de dirección. Su carrera en la ciudad está entrelazada con la popularización del fútbol y el crecimiento de la metrópoli. En este artículo, tomamos la relación entre escenarios y espacios para reflexionar sobre el vínculo entre estas estructuras materiales, el crecimiento de la ciudad y la atribución de significados a sus espacios.

Palabras Clave: Fútbol; Crecimiento Urbano; Estadios de Fútbol.

Introdução: uma taça com um século de atraso

Ao apagar das luzes de 2021, o Esporte Clube Cruzeiro, equipe atualmente sediada no município de Cachoeirinha³, na Região

¹ A frase “E o Cruzeiro continua de pé” consta no hino do Esporte Clube Cruzeiro, composto pelo sambista Túlio Piva (1915-1993).

² Professor Doutor da Universidade Federal da Fronteira Sul (Erechim, Brasil). Email: gwfraga@uffs.edu.br.

³ Cachoeirinha é uma cidade vizinha a Porto Alegre, separada desta pelo Rio Gravataí. A distância entre as regiões centrais das duas cidades é de aproximadamente 20 quilômetros. Conhecida como uma “cidade-dormitório”, sofreu, durante as décadas de 1970 e 1980 com um desordenado crescimento urbano, fruto do êxodo rural que buscava trabalho no recém-criado Distrito Industrial do município. Para uma análise da cidade neste período, ver: Weber (2004).

Metropolitana de Porto Alegre, recebeu da Federação Gaúcha de futebol um troféu de campeão. Tal fato, que se espera corriqueiro para entidades esportivas, teve um aspecto no mínimo inusitado, afinal, a agremiação disputou dois campeonatos ao longo daquele ano: a Divisão de Acesso (correspondente à segunda divisão estadual) e a Copa Dirceu de Castro⁴, torneio que visava proporcionar aos clubes “menores” do Rio Grande do Sul um calendário de atividades durante o segundo semestre, conferindo ao vencedor uma vaga na Copa do Brasil de 2022. O Cruzeiro não chegou às finais em nenhuma destas competições.

A taça entregue ao fim de 2021 remetia ao que deveria ter sido a primeira edição do Campeonato Gaúcho de Futebol, em 1918. O torneio reuniria, além do Cruzeiro, então campeão metropolitano, o Grêmio Esportivo Brasil da cidade de Pelotas (campeão da região sul do estado) e o Esporte Clube 14 de julho de Santana do Livramento (campeão da região da fronteira). Contudo, a pandemia de Gripe Espanhola impediu a realização da competição que viria a ocorrer apenas no ano seguinte, tendo o Brasil de Pelotas como primeiro campeão estadual. A ação da Federação Gaúcha de Futebol, desta forma, possuiu o sentido de um reconhecimento simbólico, em tempos de nova pandemia, aos clubes que, naquela época, foram impedidos de disputar o primeiro título máximo do futebol estadual por uma questão de saúde pública.⁵

Recebida, exposta e festejada no Estádio Dirceu de Castro (a “Arena Cruzeiro”), a taça evocava assim um título que, por motivo de força maior, deixou de ser disputado em um tempo e local distantes. Em 1918, o Esporte Clube Cruzeiro tinha sua “casa” no então arrabalde do Partenon, um bairro afastado do centro de Porto Alegre para os padrões da época. Entre este local e o atual estádio, outros três espaços serviram de casa para a equipe estrelada dentro da capital gaúcha, fazendo do Cruzeiro um clube andarilho, um “nômade” que, de tempos em tempos, muda de endereço. Estas mudanças, por sua vez, estão relacionadas com a ressignificação dos espaços dentro da cidade, vinculando-se a fatores diversos como o crescimento da urbe, o desenvolvimento da rede de serviços e do sistema de transportes ou, ainda, a especulação imobiliária.

O objetivo deste artigo é oferecer uma análise das relações entre os “espaços de futebol” em Porto Alegre e o desenvolvimento da cidade

⁴ Trata-se, na verdade, da Copa da Federação Gaúcha de Futebol, torneio organizado anualmente e de participação não obrigatória para os clubes filiados. A competição tem recebido ao longo dos últimos anos denominações diferentes, homenageando personalidades do futebol gaúcho recentemente falecidas. Dirceu de Castro, por acaso, foi presidente do Esporte Clube Cruzeiro entre 2008-2013 e 2020-2021, quando faleceu vitimado pela Covid-19.

⁵ Brasil de Pelotas e 14 de Julho de Santana do Livramento igualmente receberam, cada qual, um troféu. A Federação Gaúcha de Futebol, porém, fez questão de ressaltar que o título conferido aos clubes é honorífico, não fazendo os mesmos jus à denominação de campeões estaduais daquela temporada. Ver: <https://fgf.com.br/noticia/fgf-entrega-ao-cruzeiro-trofeu-do-titulo-honorifico-do-estadual-de-1918>. Acesso em 01/01/2022.

ao longo do século XX, tomando o Esporte Clube Cruzeiro como estudo de caso e o período entre 1913-1971 como marco temporal. Desta forma, nosso foco estará principalmente nos três primeiros espaços ocupados pelo clube. Para tanto, devemos ter em mente ao longo de nossa argumentação que os espaços são criações humanas aos quais são atribuídos sentidos ao longo de um determinado tempo em virtude de sua função e de seu status. Tais sentidos, por mais que se mostrem duradouros, não são perenes, sofrendo alterações de acordo com conjunturas históricas, econômicas, etc. Em outras palavras, uma vez que os diversos espaços de uma cidade são fruídos por seus cidadãos, o contexto de desenvolvimento e planejamento urbano, bem como os interesses econômicos, incidem sobre as formas e possibilidades de fruição destes espaços, não sendo os locais de práticas desportivas uma exceção.

Como fontes para este artigo, utilizaremos principalmente matérias publicadas pelo jornal “A Federação”, pesquisado através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, bem como fotografias acessadas na Fototeca Sioma Breitman do Museu de Porto Alegre.

Voltemos agora nosso olhar para aquela Porto Alegre dos primeiros anos do século XX, onde as estrelas de um clube alvi-azul começavam a brilhar.

Dos salões de dança à Villa Cruzeiro: os primeiros anos

Quando o Esporte Clube Cruzeiro foi fundado, em 14 de julho de 1913, o futebol em Porto Alegre passara da condição de novidade a de febre. Praticamente dez anos separam as apresentações feitas pelo Sport Club Rio Grande na Várzea da Redenção⁶ e o nascimento do estrelado. Ainda que os primórdios do século XX tenham visto o surgimento de outros clubes na capital gaúcha, inclusive alguns de matiz popular, o futebol era compreendido e divulgado pelos jornais da época como um símbolo de distinção social, exigindo uma prática amadora e elitizada. Isto explica por que os primeiros clubes da cidade, surgidos em uma sociedade germanizada⁷ e enriquecida, não costumassem medir forças contra os times surgidos nos espaços periféricos ou entre grupos de trabalhadores. As equipes representantes desta elite urbana que possuía a possibilidade da fruição esportiva praticamente monopolizavam as colunas que davam conta das atividades futebolísticas, sobrando aos demais, quando muito, uma escassa nota sobre sua fundação, destinada a ficar perdida no tempo à espera de algum historiador interessado pelo tema.

⁶ As primeiras partidas de futebol em Porto Alegre foram realizadas no dia 07 de setembro de 1903, como resultado de uma excursão do Sport Club Rio Grande, que tinha como objetivo apresentar a modalidade aos *sportmen* da capital.

⁷ Sobre o papel da sociedade germânica no desenvolvimento das atividades e associações esportivas em Porto Alegre, ver: Mazo (2003).

A década de 1910, porém, traria uma enxurrada de novas agremiações futebolísticas na cidade, evidenciando a popularização que cedo o esporte bretão encontraria na capital gaúcha. Um levantamento feito pelo historiador Ricardo Soares (2014) em sua dissertação de mestrado elenca um grande número de clubes fundados entre 1911 e 1918, tais como Fuss Ball Club Rio Branco, Sport Club Progresso, Raidman Foot-Ball Club, Prego Foot-Ball Club, Mauá Foot-Ball Club; Esporte Clube Americano, Esporte Clube São José, Sport Club Sokol, Sportivo Foot-Ball Club, Sport Club São Paulo, Sport Club Municipal, Sport Club Ruy Barbosa, Concórdia Foot-Ball Club, Sport Club Tiradentes e Ypiranga Foot-Ball Club. Esta verdadeira explosão de novas agremiações comportava clubes de naturezas diversas: elitistas, étnicos, populares, estudantis ou mesmo aqueles que agregavam determinadas categorias profissionais. Cobriam ainda boa parte dos arrabaldes da cidade, extrapolando os espaços urbanos relacionados diretamente com a elite municipal. Em outras palavras, a bolha do amadorismo elitista no futebol estourou muito cedo em Porto Alegre. A este contexto de expansão das agremiações na cidade, somou-se o surgimento do Cruzeiro.

Sobre sua fundação, há algumas versões, não necessariamente excludentes, que se cruzam, mas que, todavia, carecem de maiores fontes para sua confirmação. Sem aprofundar sobre a origem da informação, Bruno Marques (2010) cita rapidamente, no resumo de seu trabalho, que o Cruzeiro teria sua origem em um grupo de torcedores do Sport Club Internacional descontentes com a forma com que esta agremiação estava sendo conduzida por sua diretoria. Outra versão corrente dá conta de que o Cruzeiro teria suas raízes em um clube de danças no bairro da Glória, o que é corroborado pelo trabalho de Costa, Mazo e Bataglione, quando afirmam que “o clube teve seu primeiro campo, sem registro específico, no bairro da Glória, se fixando depois na ‘Chácara das Laranjeiras’, no bairro Partenon...”(Costa et. al., 2019, p. 37). Tal afirmação vai ainda ao encontro da nota do jornal *A Federação* de 15 julho de 1916, que trazia:

Comemorou, hontem, o 3º aniversário de existência o “Sport Club Cruzeiro”, pertencente á 1ª divisão da Federação Sportiva Rio-Grandense.

Fundado em 14 de julho de 1913, sob os auspícios do club bailante “Recreativo”, com séde no Arraial da Gloria, desligou-se depois d'elle para instalar-se independente no arrabalde do Parthenon, em 25 de abril de 1915, onde tem actualmente sua séde social.

A “Villa Cruzeiro”, como é conhecida, apresenta bellissimo aspecto pela sua collocação e é um dos primeiros “grounds” desta capital.

A esse respeito, a “Gazeta de Notícias”, do Rio, occupou-se longamente quando descreveu, segundo as informações de um seu representante que esteve vários dias nesta capital, a vida de alguns clubs nossos e os seus crescentes progressos no sport.

O “Cruzeiro” entre outros melhoramentos uteis e de grande necessidade possui excellente pharmacia, que tem prestado bons serviços.
(...)⁸

Cabe aqui nos determos um pouco sobre este momento a fim de ressaltarmos alguns elementos importantes. Em primeiro lugar, em que pese o Cruzeiro ser um clube ligado, em sua fundação, aos arrabaldes de Porto Alegre, não devemos pensar que o mesmo possuísse em sua origem um caráter “popular”. Quatro detalhes são suficientes para elucidar este ponto: a) o clube possuía uma sede própria para a prática do jogo, logo, havia recursos para a compra deste espaço ou algum tipo de relação social que colocasse o mesmo à sua disposição; b) suas atividades eram noticiadas nos jornais da cidade, algo que normalmente não acontecia com os clubes de extração popular; c) o Cruzeiro, desde cedo, integraria as ligas metropolitanas, jogando ao lado dos clubes socialmente legitimados; d) seguindo a linha de distinção social conferida às práticas esportivas entre a elite nos primeiros anos daquele século, as atividades do clube apresentavam por vezes uma ritualística que exaltava o envolvimento da “boa sociedade”.

Hoje, á tarde, serão abertos, oficialmente, os portões da *Villa Cruzeiro*.

Ao aprazível ground da Estrada do Matto Grosso, affluirá, certamente, avultada concorrência para apreciar os emocionantes lances da luta entre o *Sport Club Internacional* e o *Sport Club Cruzeiro*.

A *Villa Cruzeiro*, como já temos noticiado, é um dos mais confortáveis campos de foot-ball, com que actualmente conta Porto Alegre. Muito felizes foram os dirigentes do novel club na construcção do parque e jardim, bem como no aproveitamento das copadas laranjeiras que formam avenida, do portão de acesso até o *field*.

Antes de ser iniciado o match official, as senhoritas Maria Souza Neves e Celia Pacheco baptisarão as redes para os dois quadriláteros.

Essa cerimonia, aliás muito interessante, será a primeira effectuada, pelos nossos clubs de foot-ball.

(...)

Às 16 horas, encontrar-se-ão, pela primeira vez em 1915, os 1ºs teams do *Sport Club Cruzeiro* e do *Sport Club Internacional*, dois valorosos adversários, da *Liga de Foot Ball Porto Alegre*.

(...)

À *Villa Cruzeiro* conduzem os bondes F branco e P róseo, da linha do Parthenon.⁹

⁸ A Federação, Porto Alegre, 15 de julho de 1916, p. 2. Optamos por manter aqui a grafia original apresentada pelo jornal. A *Villa Cruzeiro*, com efeito, também era conhecida como “Chácara das Laranjeiras”, conforme apontado por Costa, Mazo e Bataglioni (2019), dada a significativa presença destas árvores frutíferas no terreno.

⁹ A Federação, Porto Alegre, 25 de abril de 1915, p. 4. A Estrada do Matto Grosso é a atual avenida Bento Gonçalves.

O trecho acima é significativo por trazer, em poucas linhas, um verdadeiro “raio-X” da inserção do Cruzeiro, em seus primeiros anos, na sociedade porto alegreense. O espaço por ele ocupado, com efeito, levava o nome do próprio clube, sendo apontado como arborizado, semelhante a um parque ou jardim. A menção a que o local seria “confortável” não deve nos induzir a pensar em boas acomodações para a torcida, mesmo dentro dos padrões da época, posto que, como veremos logo adiante, diversas foram as notas dando conta dos melhoramentos levados a cabo pelo clube até a mudança para um novo local. Ainda, cabe notar que se a Villa Cruzeiro não estava localizada em área nobre da cidade, próxima a região central, não deixava o clube de demonstrar sua condição de pleitear um lugar no convívio entre as equipes representantes da “boa sociedade”.

Esta condição justificaria a relação que o clube possuía com a incipiente imprensa esportiva daquele momento, legitimando seu aparecimento como personagem socialmente relevante. Contudo, nada disso seria suficiente se não houvesse o reconhecimento e aceitação de seus pares, possibilitando ao Cruzeiro integrar-se nas ligas superiores do futebol porto-alegrense. Uma vez reconhecido e integrado à participação na vida esportiva da elite local, estava aberto o caminho para que seus jogos se tornassem acontecimentos sociais que seriam divulgados pelos periódicos, levando à construção de um sentido sobre o espaço ocupado pelo mesmo. Por fim, dando o verniz final a tudo isto, os jogos apresentavam um ensejo para a ritualística social da elite porto-alegrense, observável na matéria através do “batismo das redes” pelas finas senhoritas representantes da alta sociedade. É de duvidar que o jornal desse o mesmo destaque caso ação semelhante ocorresse em um clube de matiz popular.

Em segundo lugar – e isto também transparece na matéria citada –, há um elemento fundamental para que a Villa Cruzeiro compusesse este seletivo rol de espaços usufruídos pela elite cidadina para a prática do futebol no começo do século XX. Trata-se do fato de já haver o desenvolvimento do serviço de transportes (no caso, os bondes) que levavam o público até o arrabalde do Parthenon. Este detalhe, repetido em outras matérias ao longo daquela década, nos dá uma dimensão exata de como as distâncias, ao se tornarem “menores” através do desenvolvimento de um sistema de transportes públicos em Porto Alegre, deixavam de ser um obstáculo para que a cidade apresentasse outros espaços para a fruição do lazer, do tempo livre e das relações sociais por parte daqueles que dispusessem das devidas condições para assim proceder.

Contudo, a Villa Cruzeiro acabou sendo a casa do “estrelado” por um curto período de tempo. Para entendermos os motivos, cremos que dois fatores devem ser considerados. Em primeiro lugar, há a materialidade do espaço em si. Com efeito, o conjunto das matérias publicadas pelo jornal *A Federação* deixam transparecer que a Villa Cruzeiro, em que pese a descrição de um ambiente bucólico e a

existência dos transportes que levavam até o arraial, não era exatamente o que poderíamos chamar de um “estádio” de futebol. Com efeito, em 25 de março de 1916 – portanto, menos de um ano após sua inauguração –, *A Federação* noticiava as festividades de abertura da temporada do clube com um “match interno” (algo como um “treino coletivo” ou uma partida de demonstração), ressaltando que “o ‘ground’ está completamente reformado, apresentando belíssimo aspecto”.¹⁰ Ainda naquele ano, ao fim de agosto, as reformas eram novamente objeto de nota: “Está passando por varias reformas o ground da Villa Cruzeiro, no Parthenon, onde domingo próximo jogarão os quadros do S. C. Colombo e os do S. C. Cruzeiro, conforme determina o carnet da F. S. R. G.”.¹¹ Com a entrada do novo ano, outra vez as reformas na casa cruzeirista eram ressaltadas, ainda que tecendo novos elogios ao espaço: “O ground, que passou por completa reforma, apresenta agradável aspecto, preenchendo perfeitamente todos os requisitos necessarios e exigidos para esse salutar genero do sport bretão”.¹²

Embora a natureza das reformas não seja especificada pelas notas da imprensa, acreditamos que as mesmas devam ter pesado no orçamento do clube. Pelo menos isto nos indica o anúncio de um “Grandioso festival em beneficio do Sport Club Cruzeiro”, no Theatro Apollo, marcado para os dias dez e onze de agosto de 1917, “a preços populares”.¹³ Ainda no final daquele ano, nova nota, agora focando na eleição para a diretoria do clube, ressaltava: “Sabemos que varios melhoramentos vão ser introduzidos no pitoresco ‘ground’ da Villa Cruzeiro, no arrabalde do Parthenon”.¹⁴ Note-se, o outrora “aprazível” e “confortável” é agora “pitoresco”. Contudo, será somente no ano seguinte que encontraremos uma nota que, ao entrar em um detalhe talvez prosaico, nos proporciona uma dimensão da precariedade daquelas instalações, mesmo para os padrões da época.

No ground da Villa Cruzeiro, jogarão os quadros do Gremio e do Cruzeiro.

O campo da Estrada do Matto Grosso está passando por várias reformas dentre as quaes destacam-se duas cercas de madeiras, que estão sendo levantadas atrás dos goals, e que terão por fim isolar o goalkeeper do publico que se agglomera, nos dias de jogos, junto aos quadrilateros.¹⁵

Ainda em 1919, pouco mais de um ano antes da inauguração de seu segundo estádio, as obras na Villa Cruzeiro seguiam sendo objeto de atenção por parte do jornal. Esta sequência de melhoramentos certamente não escaparia da atenção do responsável pelas notas

¹⁰ A Federação, Porto Alegre, 25 de março de 1916, p. 1.

¹¹ A Federação, Porto Alegre, 29 de agosto de 1916, p. 7.

¹² A Federação, Porto Alegre, 26 de março de 1917, p. 7.

¹³ A Federação, Porto Alegre, 10 de agosto de 1917, p. 4.

¹⁴ A Federação, Porto Alegre, 29 de dezembro de 1917, p. 1.

¹⁵ A Federação, Porto Alegre, 29 de maio de 1918, p. 5.

esportivas, que se permitiu um discreto elogio à direção do clube. Contudo, o que cabe destacar aqui é que durante os pouco mais de cinco anos em que serviu de endereço ao Cruzeiro, o campo do Arrabalde do Partenon sempre exigiu constates melhorias, o que pode haver sido um dos motivos que determinaram a busca por um novo espaço.

Assim, pela manhã, encontrar-se-ão os quadros do Cruzeiro e do Tabajara.

Os matches serão jogados no campo da Villa Cruzeiro, cujas acomodações estão sendo sensivelmente melhoradas pela esforçada directoria que dirige os destinos do centro cruzeirista.¹⁶

Em segundo lugar, há que se destacar que, em que pese a existência das linhas de bonde que conduziam ao arrabalde, o local se constituía ainda em uma espécie de zona rural e afastada do circuito das práticas esportivas da elite, ao contrário de outros espaços, como a Baixada do Grêmio no elegante bairro Moinhos de Vento, o primeiro campo do Fussball Club Porto Alegre às margens do Guaíba, ou mesmo o Fussball Mannschaft Frisch Auf e seu campo de jogo no espaço do Turnerbund, atual SOGIPA, no então arrabalde de São João. Note-se aqui que, mais do que ser a Villa Cruzeiro um espaço na periferia da cidade, distinguia-lhe o fato de ter de se constituir como um espaço de sociabilidade da elite citadina, o que não acontecia com o Grêmio, cujo estádio estava localizado no fim do eixo de expansão imobiliária da alta classe porto-alegrense e em uma zona de tradicional sociabilidade naquele começo de século XX; com o Fussball, que tinha seu espaço de jogo em uma área tradicionalmente associada às práticas esportivas (no caso, o remo e o ciclismo), ou ainda com o Frisch Auf, nascido no seio de uma Sociedade Ginástica que igualmente já consolidara os sentidos sociais do lugar que ocupava. Em outras palavras, não bastava ao Cruzeiro construir seu campo de jogo, mas era necessário também, naquele momento, consolidar os sentidos sociais que sobre ele incidiriam.

O esforço cruzeirista para dispôr de um campo de jogo que fosse reconhecido como estando à altura dos clubes da elite porto-alegrense se justifica também pela ausência de uma das características que imperavam na época para que uma agremiação fosse reconhecida como integrante legítima do seletivo grupo dos “grandes” locais. Com efeito, nos primeiros anos do século XX, um dos elementos fundamentais residia na germanidade que caracterizava a maioria dos clubes esportivos porto-alegrenses. O maior destaque e visibilidade dados pela imprensa a estas agremiações, não apenas no futebol, mas também em outras atividades como o remo e o ciclismo, se deviam ao fato de a elite local ser composta em grande medida por alemães ou seus descendentes,

¹⁶ A Federação, Porto Alegre, 26 de julho de 1919, p. 1.

que possuíam uma cultura de valorização dos exercícios físicos em clubes e associações próprias, ao mesmo tempo em que se sobressaíam nas atividades ligadas à indústria e comércio. Deste modo, aquilo que podemos chamar de “modernidade” em Porto Alegre nas primeiras duas décadas do século XX passava, em grande medida, pelas práticas que eram desenvolvidas nos clubes ligados à nacionalidade e cultura alemã e seus representantes que compunham a ativa burguesia local.

Ainda assim, seria um exagero afirmar que as práticas esportivas daquele momento estavam limitadas ao seio da colônia germânica. Como Mascarenhas (2014) e Soares (2014) já demonstraram, a própria fundação de Grêmio e Fussball Porto Alegre no mesmo dia é exemplar quanto às porosidades que havia (ou não), em tais associações. Neste caso específico, o Fussball era um clube germânico voltado para germânicos ou pessoas que tivessem adentrado nesta comunidade através do casamento. O Grêmio, por sua vez, havia sido fundado também por uma maioria de descendentes de germânicos, mas abria suas portas a pessoas de outras raízes nacionais, desde que integrassem a elite local. Essa predominância do germanismo no futebol porto-alegrense passa a perder fôlego à medida que novos clubes vão sendo fundados a partir da virada da primeira para a segunda década do século XX. É nesta vaga que o Cruzeiro se insere, o que é perceptível até pelos sobrenomes de seus primeiros responsáveis.

O Sport Club Cruzeiro completa, amanhã, seu 4º ano de proficua existência.

Fundado nesta capital, em 14 de julho de 1913, e installado dois mezes após, em 7 de setembro, vem conquistando a sympathia dos nossos sportmen e encaminhando-se para occupar não longe um posto de destaque em nosso mundo sportivo.

Desde aquella data até hoje, tem sido dirigido pelos srs. João Nunes, Mario Castellano, Victor Rodrigues e Rodolpho Corrêa Junior, actual presidente.¹⁷

Acha-se nesta capital o 1º tenente Leumam Moniz Ribeiro, sportman conhecido no nosso meio desde o tempo do Militar Foot-Ball Club e que com Victor Rodrigues, Aristides Prado de Oliveira, Zopiro Ouriques Pranes e outros iniciaram para o Sport Club Cruzeiro a sua vida de glórias.¹⁸

Desta forma, a primeira morada do Esporte Clube Cruzeiro, no então Arrabalde do Parthenon, revelava ao mesmo tempo as possibilidades e as dificuldades do clube em ingressar e se manter no convívio da sociedade porto-alegrense. Sem ser um clube étnico, agrupava pessoas com possibilidade de desfrutar do convívio social; sem ocupar uma área da cidade que estivesse anteriormente marcada pelas sociabilidades proporcionadas pelo esporte, buscava valer-se da acessibilidade então garantida pelo serviço de bondes. Sem possuir um

¹⁷ A Federação, Porto Alegre, 13 de julho de 1917, p. 4.

¹⁸ A Federação, Porto Alegre, 27 de janeiro de 1919, p. 1.

grande campo para a época, procurou, até onde pode, efetuar melhorias no mesmo para garantir seu status dentre os clubes da elite metropolitana. No entanto, no começo dos anos 1920, foi hora de mudar de casa pela primeira vez.

O Caminho do Meio: o Cruzeiro mais próximo da elite e das raízes do futebol porto-alegrense

Com a transferência para sua segunda casa, em 1920, o Cruzeiro não apenas deixava os arrabaldes da capital gaúcha, mas aproximava-se de um espaço marcado historicamente pela presença das práticas esportivas em Porto Alegre. O “Caminho do Meio”, com efeito, compreende o eixo das atuais avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves, que partem do centro da cidade rumo ao município de Viamão. A nova casa estava localizada onde hoje se encontra o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, um espaço privilegiado e que passava por significativas transformações.

Começemos pelas práticas esportivas. Ao deixar para trás a chácara na antiga Estrada do Mato Grosso, deslocando seu campo para o novo endereço, o Cruzeiro passava a residir próximo ao Campo da Redenção, onde em 1903 o Sport Club Rio Grande fizera as primeiras partidas de exibição para mostrar aos porto-alegrenses o que era o futebol. No mesmo local houvera já uma arena de touros e o Velódromo da União Velocipédica de Amadores. Por fim, era ali também que, em um campo improvisado para os padrões atuais, mandava seus jogos o Militar Foot-Ball Club, instituição fundada em 1909 por alunos da Escola de Guerra (atual Colégio Militar). Segundo Ricardo Soares, este clube seria extinto em 1911 com a transferência da Escola de Guerra para o Rio de Janeiro, sendo que vários de seus atletas acabariam se engajando no São Christóvão Athletic Club, “agremiação que é conhecida pelo apelido de ‘cadete’, por causa de sua proximidade com o Exército Brasileiro” (2014, p. 100).

Ou seja, o Cruzeiro deixava para trás a condição de clube representativo de um arrabalde da cidade para ocupar um novo espaço, marcado já pelas sociabilidades urbanas de uma elite que, desde o começo do século XX, tinha no Campo da Redenção um locus para as práticas esportivas que lhe distinguiam socialmente. Ainda, o campo do Caminho do Meio era não apenas próximo ao centro da cidade, mas também estava localizado nas cercanias do eixo da Avenida Independência, local para onde afluiu a elite porto-alegrense a partir do momento em que a região central passou a ser objeto de significativas reformas urbanas. Por fim, mas não menos importante de ser notado, com a mudança o Cruzeiro aproximava-se também do Colégio Militar, a antiga Escola de Guerra do Exército, símbolo de uma de suas raízes: a participação dos militares em sua diretoria, especialmente através da figura do tenente Leumam Moniz Ribeiro, que estivera presente não

apenas quando da fundação do Cruzeiro em 1913, mas também do Militar Foot-Ball Club, àquela altura já extinto.¹⁹

Contudo, aquela região da cidade passava por outras mudanças, estas de caráter estrutural. Com efeito, nos primeiros anos do século XX, a área lindeira à nova casa cruzeirista era ocupada pela Colônia Africana, um local de habitações precárias onde residiam os libertos da escravidão e os excluídos de toda natureza. Conforme a geógrafa Daniele Vieira (2017), a região agregava um contingente empobrecido que não se limitava à população afro-brasileira, recebendo inclusive imigrantes europeus pobres ou seus descendentes que chegavam a Porto Alegre em busca de trabalho e algum lugar para residir. O imaginário da cidade, porém, já havia construído àquela altura a percepção de que aquela encosta de morro era o lócus dos que traziam em sua pele a marca do cativo, há poucos anos abolido.



A proximidade entre a Colônia Africana e a zona de expansão imobiliária da Avenida Independência pode ser percebida na imagem acima. Nela, temos uma vista da rua Esperança, atual Miguel Tostes, em direção à Avenida Independência. A rua Esperança, com efeito, configurava-se como o coração da Colônia Africana. Se atentarmos para

¹⁹ Ao mesmo tempo em que o Cruzeiro carrega em sua origem este vínculo com os militares, há também a marca de um clube que reúne em sua torcida nomes da esquerda, como Antônio Pinheiro Machado Netto, ou intelectuais como o médico e escritor Moacyr Scliar.

a imagem, veremos construções de alvenaria na área nobre, no topo da colina. Abaixo, algumas construções de alvenaria, bem mais modestas, dividem o espaço com precárias habitações de madeira, parcialmente cobertas pelas árvores. O chão, aparentemente molhado, nos indica a precariedade daquela via pública por onde transitam, no canto direito da foto, uma mulher e duas crianças, todas negras, que caminham em direção ao Campo da Redenção.²⁰

Há que se ter em conta, ainda, que neste momento esta região, outrora considerada “externa” aos limites da cidade, estava definitivamente integrada ao seu cotidiano. O próprio campo da Redenção (cuja denominação inclusive remetia à abolição dos escravos em Porto Alegre),²¹ outrora um espaço marcado pelas práticas religiosas e de sociabilidade do contingente de excluídos que vivia em suas proximidades, já havia sido, como vimos, incorporado às novas práticas sociais da elite porto-alegrense. Naquela década de 1920, ainda, a franja do Caminho do Meio junto ao campo passava a ser ocupada por uma leva de imigrantes de origem judaica que configurariam o perfil étnico e o caráter de região comercial do futuro bairro do Bom Fim. Simultaneamente, o poder público passava a implantar melhoramentos urbanos que, iniciados ainda na segunda década do século XX, se estenderiam até a década de 1940, expulsando a população empobrecida através da elevação dos impostos, da repressão policial e/ou da derrubada pura e simples de moradias em nome do “interesse público”.

Assim, seria um erro imaginar que a região que então receberia o Cruzeiro fosse marcada apenas pelas sociabilidades voltadas à elite. A proximidade entre a Colônia Africana e as práticas esportivas que os grupos socialmente favorecidos praticavam no Campo da Redenção já havia proporcionado o surgimento de associações esportivas no seio dos grupos excluídos como o Foot-Ball Club 20 de Setembro e o Foot-Ball Club Rio-Grandense, ambos fundados ainda em 1907. Segundo Ricardo Soares (2014), o Foot-Ball Club Rio-Grandense teria sido fundado em 12 de dezembro de 1907 por Francisco Rodrigues (pai do cantor Lupicínio Rodrigues), permanecendo segregado em relação aos clubes da elite porto-alegrense. Ainda assim, ganhava notas esporádicas na imprensa local, recebendo a alcunha de “O Clube da Rua Arlindo”. Algumas destas notas dão conta de que este utilizou por algum tempo um campo no Caminho do Meio, nas proximidades da Colônia Africana – o que corresponde a dizer, próximo também ao espaço ocupado na década de 1920 pelo Cruzeiro, quiçá o mesmo espaço. Já o campo da Rua Arlindo seria inaugurado apenas em 1909, sendo localizado nas

20 Crédito: Fototeca Sioma Breitman – Museu de Porto Alegre. A imagem é identificada como sendo da década de 1910 ou 1920. O autor da foto é desconhecido.

21 Em 1935, por conta das festividades do centenário da Guerra dos Farrapos, o Campo da Redenção passaria a chamar-se oficialmente “Parque Farroupilha”. Em que pese a oficialidade, a denominação original permanece até hoje na relação entre o espaço e a população.

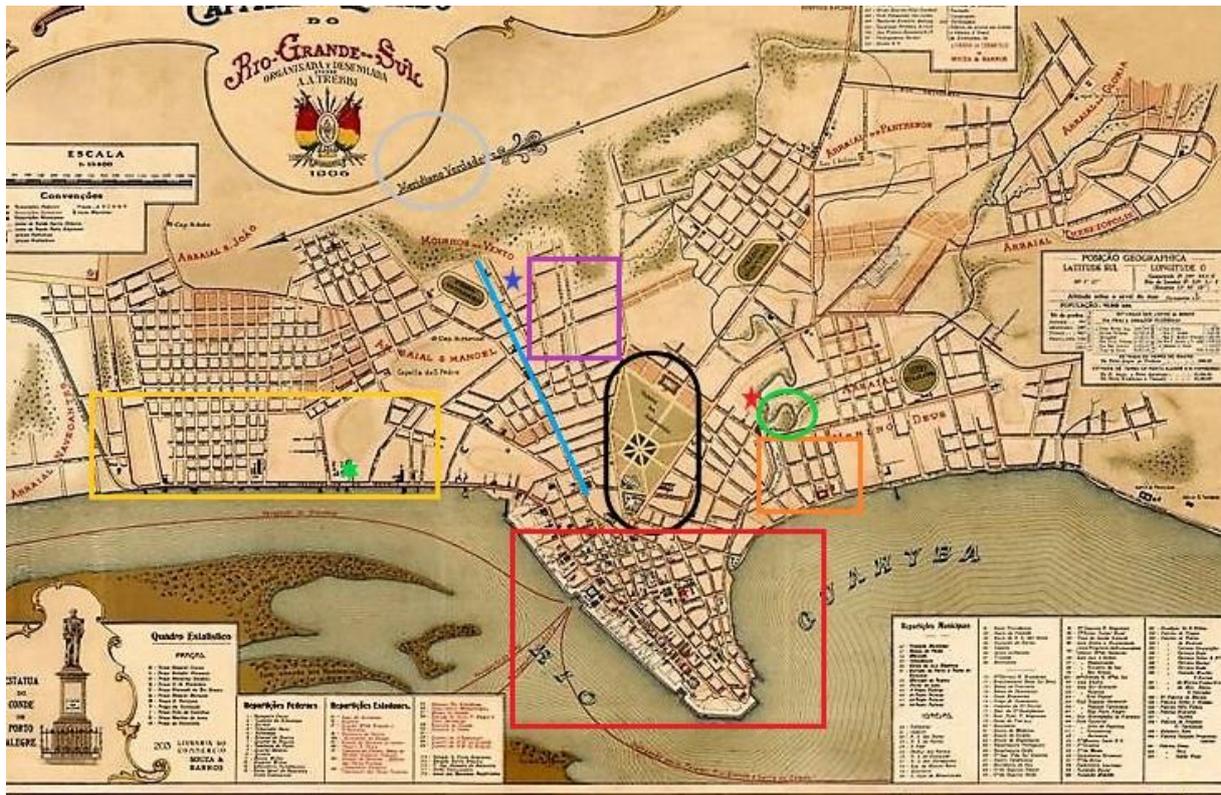
proximidades do Areal da Baronesa e da Ilhota, outras áreas negras da cidade, sendo inicialmente cedido pela municipalidade ao Sport Club Internacional e, posteriormente, abandonado por este devido aos constantes alagamentos provocados pelo Arroio Dilúvio. Diante desta situação de abandono, o espaço acabaria sendo ocupado pelos clubes que integrariam a mítica Liga da Canela Preta. Em outras palavras, o Rio-Grandense faria neste momento um deslocamento dentro da cidade, migrando das proximidades do Campo da Redenção (uma área que gradualmente se gentrificava) para outro espaço, marcado pela periferação e exclusão social. Fazendo um trajeto inverso, o Cruzeiro, em 1920, passaria a ter seu espaço de jogo naquela região que se transformava através de um processo de elitização. Vejamos o que diz Daniele Vieira (2017) acerca deste momento da urbanização porto-alegrense:

Assim, esta terceira fase do urbano, que provoca o deslocamento dos territórios negros rumo a periferia, caracteriza-se pela urbanização dos arrabaldes localizados no entorno do espaço central. A cidade expandia-se, alargando-se sobre o seu entorno imediato, onde estavam localizados os territórios negros. Primeiramente atinge a Colônia Africana, nos anos 1920. Mas apesar disso, nos anos 1940 ainda vamos encontrar fortes indícios da existência deste território negro. Entre os anos 1940 e 1970, as obras de urbanização do eixo sul irão atingir drasticamente os territórios do Areal da Baronesa e da Ilhota (Vieira, 2017, p. 171-2).

Desta forma, esta primeira mudança do Esporte Clube Cruzeiro dentro de Porto Alegre corresponde a um movimento que não causa maior estranheza quando visto através da luneta do tempo: um clube que integrava a elite esportiva da cidade buscava um espaço próximo a seus pares em uma região marcada tanto pela presença destes quanto pelo potencial de gentrificação, dadas as reformas e transformações que gradualmente transformariam a Colônia Africana no elegante bairro Rio Branco.

A imagem abaixo, produzida pelo autor sobre o mapa da cidade de Porto Alegre de 1906, nos auxilia a perceber melhor os espaços até aqui citados. O quadrado vermelho desta o centro histórico de Porto Alegre. O quadrado laranja e o círculo verde delimitam respectivamente o Areal da Baronesa e a Ilhota, áreas de ocupação negra em direção à zona sul. O oval preto assinala a Várzea da Redenção. O quadrado lilás corresponde à área ocupada pela chamada Colônia Africana. O traço azul demarca o eixo da Avenida Independência, zona de expansão imobiliária da elite portoalegrense naquele período. Em cinza (próximo ao brasão), a localização aproximada da futura Bacia do Mont'Serrat, outra área de ocupação negra da cidade. O quadrado amarelo destaca a área industrial dos futuros bairros Floresta e Navegantes, mas que também sediava os elegantes clubes de remo. A estrela vermelha ao lado da Ilhota assinala o campo da rua Arlindo. A estrela azul ao fim do

eixo da Independência marca o local do estádio da Baixada, do Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense. A estrela verde assinala o campo do Fuss-Ball Club Porto Alegre. No canto superior direito é possível ver as designações do Arrabalde da Glória e do Arrabalde do Partenon, onde respectivamente o Cruzeiro foi fundado e onde teve seu primeiro campo. Já o segundo campo localizava-se na confluência entre a Colônia Africana (quadrado lilás) com a Várzea da Redenção (Oval Preto).



O caráter elitista do projeto de mudança do Cruzeiro para seu novo campo fica exemplificado pela partida singular que marcou a inauguração deste espaço de jogo: um encontro amistoso disputado contra a equipe de uma embarcação britânica de guerra (um “caçaminas” que se encontrava em Porto Alegre), embate que certamente nos diz muito sobre o status que o Cruzeiro obtinha com sua nova sede esportiva. Cabe lembrar que, se levarmos à risca a lógica do espírito amador que, pretensamente, ainda vigorava no futebol porto-alegrense, aquela partida não somente se caracterizava como um amistoso internacional, mas também envolvia um adversário inglês, algo representativo de status por se tratar dos “inventores do *foot-ball*”.

À tarde de ontem, a officialidade e os marinheiros do “Pettersfield”, presentes à inauguração da nova sede do “Sport Club Cruzeiro”, receberam novas e significativas demonstrações de apreço popular.

Ovacionou-os o público presente, redobrando os aplausos por ocasião do “match” que se seguiu á solemnidade inaugural entre o “team” composto pelos tripulantes do caça-minas visitante e do Cruzeiro.²²

O estádio do Caminho do Meio serviria ao Cruzeiro por aproximadamente duas décadas, um tempo relativamente curto para os padrões atuais em se tratando de um espaço vinculado a um time de futebol. Cabe destacar, porém, que a mudança de endereço dos clubes futebolísticos de Porto Alegre no começo do século XX, por diversos motivos, não era exatamente algo assim tão raro. Fosse pela busca de lugares mais adequados para mandar suas partidas, fosse pela pressão imposta pelo crescimento da malha urbana, ou mesmo pela necessidade imposta pelo incremento do público de futebol que exigia que estruturas mais adequadas fossem construídas, não era incomum ver clubes mudando seu endereço. Neste movimento, alguns clubes acabariam por estabelecer laços sólidos com determinadas regiões da cidade, como é o caso do Sport Club Internacional e seu vínculo com a região do bairro Menino Deus ou ainda o Esporte Clube São José com a zona norte da cidade.²³ Outros promoveriam mudanças mais radicais como o Fussball Club Porto Alegre, que deixaria a zona portuária na Avenida Voluntários da Pátria para ocupar o estádio Chácara das Camélias no Menino Deus, ou ainda o Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense, que se mudaria do Moinhos de Vento para os limites entre os bairros Azenha e Medianeira, dentro de um projeto de popularização do clube na primeira metade da década de 1950, o que incluiu a construção de um estádio de grandes dimensões.

A trajetória do Cruzeiro o insere neste segundo grupo. No início da década de 1940, o clube novamente mudaria de endereço. O movimento, desta vez, pode de alguma forma, ser comparado ao do Grêmio, seja pela construção de uma grande praça esportiva (o que denota a ideia de que os jogos deveriam receber um público diversificado, inclusive socialmente), seja pela área escolhida: a região tradicionalmente associada aos cemitérios de Porto Alegre e, por isso, até aquele momento pouco valorizada pelo mercado imobiliário. A mudança de endereço, no entanto, antecede a do Grêmio em mais de uma década, ainda que sejam notórios alguns dos mesmos elementos que conduziram o tricolor gaúcho a uma política de popularização. Com efeito, o Cruzeiro deixava uma zona enobrecida da cidade e partia rumo a uma área de perfil popular, construindo para si um estádio de

²² A Federação, Porto Alegre, 24 de novembro de 1920, p. 4.

²³ Após um período em que vagou por espaços diversos em Porto Alegre, o Sport Club Internacional encontraria seu primeiro endereço definitivo na “Chácara dos Eucaliptos”, localizada na Avenida José de Alencar. Em 1931, o Internacional mudaria seu endereço para o Estádio dos Eucaliptos, que *não* deve ser confundido com o espaço anterior. Já o Esporte Clube São José vagaria por diversos locais da zona norte de Porto Alegre até se estabelecer definitivamente na área onde construiu o Estádio Passo d’Areia, em 1940.

grandes dimensões para a época, o que pressupunha o já citado desejo de uma ampliação de seu público torcedor.

O Futebol na cidade dos mortos: o estádio da montanha

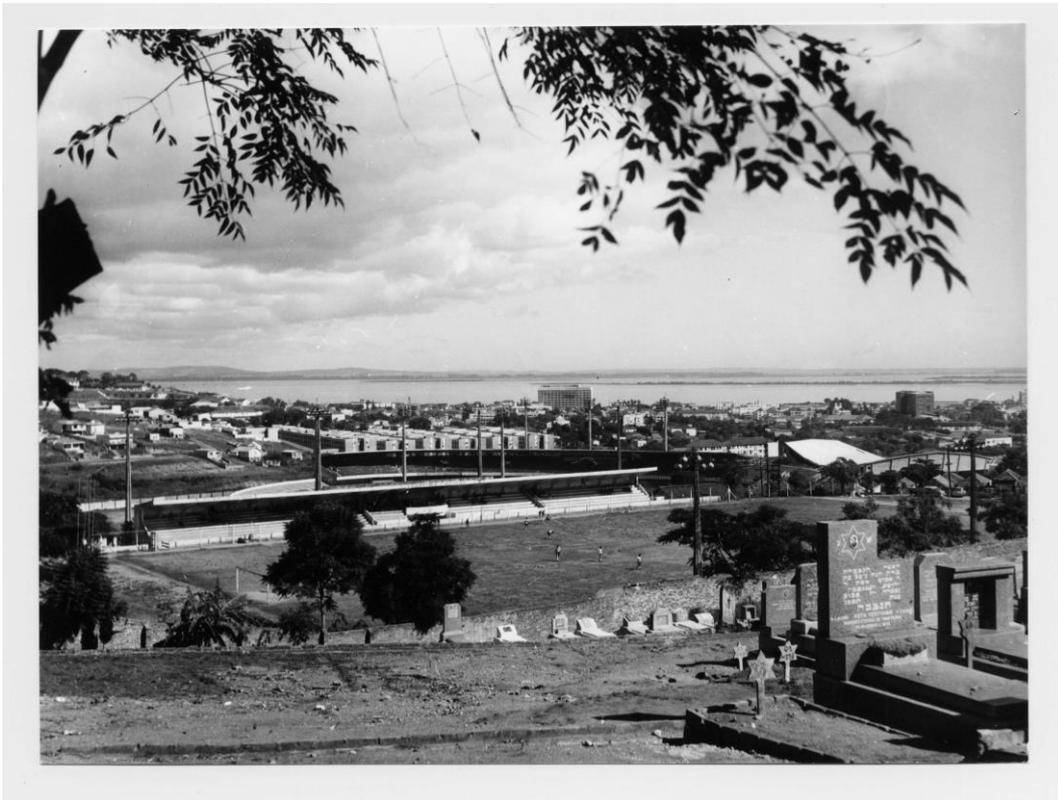
Se a primeira mudança de endereço do Esporte Clube Cruzeiro evidenciava a busca por um espaço mais valorizado, próximo à elite da cidade, a segunda mudança, levada a cabo no início da década de 1940, nos aponta para um projeto de ampliação da base de torcedores do clube, através da aproximação do mesmo com as camadas mais populares de Porto Alegre

Iniciemos pelo estádio em si. O Estádio da Montanha, também conhecido como Colina Melancólica por sua localização na tradicional área dos cemitérios de Porto Alegre, era o maior estádio da cidade quando de sua inauguração, em 1941, com capacidade para vinte mil espectadores. Situado próximo aos bairros Medianeira e Azenha, estava longe de ter a vizinhança enobrecida que o Estádio do Caminho do Meio lhe garantia. Ao contrário, o novo e grande estádio aproximava-se não só da urbe dos mortos, mas também da população socialmente excluída da Vila Caiu do Céu, onde futuramente seria construído o Estádio Olímpico Monumental.

Mas o que teria levado a este projeto de popularização do clube, consolidado em uma nova mudança de endereço? Uma resposta possível pode ser dada pelo momento em que o mesmo resolveu materializar a construção da nova praça e sua mudança: trata-se do início da década de 1940, momento em que o futebol gaúcho assumiu de vez a dinâmica imposta pela profissionalização, vedando a participação na liga principal às equipes que porventura desejassem continuar dentro de uma lógica amadora. Ainda que isto viesse a ser possível, os custos do novo regime, fazendo com que os clubes obrigatoriamente arcassem com salários e demais premiações para seus atletas impediria a manutenção do futebol dentro da antiga dinâmica. Assim, fazia-se necessário buscar um aumento nas receitas, o que, naquele momento, significava aumentar a base de torcedores que frequentariam as arquibancadas em dias de jogos.

A escolha da localização para o novo estádio, contudo, esteve longe de ser uma obviedade. A região entre os altos da avenida Oscar Pereira e a encosta que conduz à avenida Carlos Barbosa há tempos era, como anteriormente dito, associada ao universo dos mortos. Ali estão ainda hoje alguns dos grandes cemitérios da cidade, como o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, o Cemitério São Miguel e Almas, o Cemitério Judaico ou mesmo o antigo Cemitério Evangélico, ligado à colônia germânica da cidade. A foto abaixo, de autoria de Léo Guerreiro e Pedro Flores e possivelmente da década de 1960 (a julgar pela presença do Estádio Olímpico em segundo plano, com seu anel superior

já parcialmente construído e o telhado do ginásio David Gusmão), é ilustrativa quanto a esta proximidade.²⁴



A construção da nova e ampla praça esportiva atribuiria novos sentidos à região, trazendo para ela uma vida social que contrastava com as funções que até então a cidade lhe destinava e sendo um exemplo ímpar sobre como os espaços urbanos são ressignificados a partir das funções que lhe são atribuídas. Com efeito, não apenas jogos de futebol, mas mesmo celebrações cívicas passaram a ter seu palco na casa cruzeirista, transformando-a em um *locus* apto a receber novas atividades que refletiam a complexificação da vida social da cidade. Desta forma, no curto espaço de trinta anos, o Cruzeiro sairia do campo improvisado em uma chácara para a condição de proprietário do maior estádio da capital gaúcha naquele momento. Assim como o Cruzeiro, a cidade crescia. Assim como a cidade, a casa cruzeirista refletia a complexificação da vida social naquela metade de século XX, como revela a imagem abaixo.²⁵

²⁴ Crédito: Fototeca Sioma Breitman – Museu de Porto Alegre.

²⁵ Crédito: Fototeca Sioma Breitman – Museu de Porto Alegre. A imagem não possui créditos. Todavia, é acompanhada pela seguinte legenda: “Concentração Orfeônica (Estádio do Esporte Clube Cruzeiro, 1950”. A existência de diversas bandeiras nacionais na imagem, bem como de crianças uniformizadas realizando coreografias e de senhoras postadas no gramado, nos faz pensar em alguma atividade em data cívica,



A construção de um grande estádio também evoca o desejo de constituir o Cruzeiro como um clube de projeção no cenário nacional. E não é nenhum exagero dizer que durante algum tempo, o projeto se mostrou bem-sucedido. Desde a inauguração contra o São Paulo Futebol Clube, passando pela contratação do técnico húngaro Emérico Hirschl, até a famosa excursão à Europa entre os anos de 1953 e 1954, quando disputou amistosos contra clubes de expressão mundial como Real Madrid, Lazio, Galatasaray e contra a Seleção de Israel, diversos foram os movimentos que apontam para o desejo de que o Cruzeiro se estabelecesse como uma das grandes forças do futebol gaúcho no cenário brasileiro.

A localização do Estádio da Montanha nos chama a atenção também por outro motivo. Trata-se do fato de que o estádio compunha um verdadeiro “eixo de estádios” que pode, a grosso modo, ser identificado com o traçado da Avenida José de Alencar. Com efeito, partindo do Estádio da Montanha, veríamos na década seguinte a construção do Estádio Olímpico Monumental ainda nas suas proximidades. Um quilômetro mais adiante, em direção ao Guaíba, havia a Chácara das Camélias, originalmente do Fussball Porto Alegre e, a partir de 1944, do Nacional, e, a menos de um quilômetro dali, o

como o dia da Independência. Cabe notar que a plateia, ao fundo e à direita, extrapola o espaço da arquibancada.

Estádio dos Eucaliptos, do Internacional. Ou seja, na curta distância de pouco mais de dois quilômetros se localizariam quatro praças de futebol, fato que não pode ser ignorado quando pensamos na forma como uma cidade estrutura suas opções de lazer.



A Imagem acima, feita em algum momento dos anos 1970, nos ajuda a visualizar melhor esta questão. Ao centro e abaixo, marcado em azul, é possível ver as estruturas do Cemitério João XXIII, construído onde anteriormente localizava-se o Estádio da Montanha, seguidas do Olímpico Monumental, em primeiro plano. O círculo vermelho indica a localização do estádio da Chácara das Camélias (onde hoje há um supermercado e a Escola Estadual Infante Dom Henrique). Do outro lado da Avenida José de Alencar, adentrando um pouco no bairro Menino Deus, é possível ver, na marcação em laranja, as estruturas do Estádio dos Eucaliptos, àquela altura já trocado pelo Internacional pelo Beira-Rio, que aparece ao fundo, à beira do Guaíba.²⁶

²⁶ Esta imagem, cujo autor é ignorado, me foi remetida pelo amigo Miguel Stédile, também ele um estudioso das questões futebolísticas. Não é descabido assinalar aqui que, quando a recebi, conversávamos apenas sobre a proximidade que existia entre o velho casarão do Grêmio e o atual estádio do Internacional. Foi somente à medida que

O Estádio da Montanha, desta forma, pode ser entendido como resultante e também participante de uma série de ressignificações que ocorrem no espaço da cidade no período que se inicia em 1940, algumas delas vinculadas ao próprio Cruzeiro, mas outras externas a ele. Em primeiro lugar, há o já citado desejo (e também necessidade) de crescimento do clube, agora inserido em uma dinâmica profissional que lhe exigia mais recursos e uma maior capilarização entre a torcida portoalegrense, o que equivale a dizer que o clube disputava o público esportivo da cidade não apenas com outros clubes de menor extração, mas também com Grêmio e Internacional, clubes de grande apelo popular. Desta forma, o Cruzeiro estava “condenado a crescer”, caso desejasse vislumbrar uma permanência destacada no cenário futebolístico local a médio prazo. Este crescimento deveria ocorrer no exato momento em que a cidade também crescia como resultado da vaga de êxodo rural da década de 1940 e de todas as transformações estruturais que experimentava desde o começo do século, refletindo-se na configuração do espaço urbano, como o processo de higienização social e remodelação do centro da cidade ou o crescimento de suas zonas periféricas. Sobre este período, aponta Charles Monteiro:

A partir desses estudos formulou-se um projeto de reformas urbanas com a realização de grandes obras viárias, como as avenidas Farrapos e a 10 de Novembro (atual Salgado Filho) para as quais foi necessário demolir toda uma parte do Centro da cidade composta de antigos casarões no estilo colonial, além de um conjunto de habitações populares. Essas demolições causaram uma redução do número de habitações disponíveis no Centro, gerando a elevação dos preços dos aluguéis e a migração de grupos de baixa renda para áreas mais distantes. A construção de prédios de alto gabarito no final dos anos 1930, como o Sulacap, o União, o Brasileiro de Moraes e o Vera Cruz, estavam alterando a paisagem da cidade (Monteiro, 2012, p. 69).

O trecho acima nos aponta para outro elemento que deve ser trazido à baila ao pensarmos a realocação do Cruzeiro dentro da urbe, bem como a composição do eixo de estádios em volta da Avenida José de Alencar. Trata-se da tentativa de reorganizar o espaço urbano considerando a projeção de rotas perimetrais que permitissem um rápido deslocamento sem que se fizesse necessário cruzar a região central. Assim, este verdadeiro “eixo de estádios” localizava-se em uma das pontas do que seria denominado como “Segunda Perimetral”, uma sequência de avenidas interligadas que conduziam do bairro Menino Deus, na zona sul, ao bairro Moinhos de Vento, na zona norte da cidade.

Desta forma, a busca de novos sentidos atribuídos ao clube perpassava pelas ressignificações da região em que o mesmo se

a conversa avançou que fomos percebendo como dentro desta imagem cabiam exatamente cinco locais que recebiam ou receberam estruturas voltadas à prática do futebol em Porto Alegre.

encontrava, mas também pelo aproveitamento de antigos sentidos que continuavam vigentes. A proximidade com áreas associadas à sociabilidade esportiva e de boa oferta de transportes certamente são elementos que não devem ser desconsiderados no processo de realocação do clube. Ao mesmo tempo, a instalação em uma região de cunho popular no momento em que a cidade vivia um grande crescimento demográfico é algo fundamental diante da necessidade de ampliar o público que frequentaria suas arquibancadas. Não seria exagero afirmar que o clube, entendido como conjunto de pessoas, colaborava para a ressignificação daquele espaço urbano, ao mesmo tempo em que propunha uma ressignificação para si próprio.

Conclusão: um futuro de crise e reconstrução

O jogo de significações e ressignificações do espaço evidentemente não confunde-se com o jogo dentro do campo. Ainda que desfrutasse de momentos de maior visibilidade (como quando de sua excursão à Europa) ou que seu estádio lhe proporcionasse maior inserção dentro da vida social da urbe, o Cruzeiro nunca chegou a constituir uma ameaça à popularidade da dupla Grenal. Nas três décadas em que esteve sediado no Estádio da Montanha (1941-1970), o Cruzeiro não logrou fazer frente a supremacia dos dois grandes da capital, tendo como sua melhor campanha a terceira posição no campeonato gaúcho de 1968.²⁷

As transformações ocorridas na cidade entre 1941 e 1970 também contribuíram para que o Estádio da Montanha logo se mostrasse obsoleto. Ultrapassado em dimensões pelo Olímpico em 1954 e pelo Beira-Rio em 1968, foi também mostrando-se inadequado diante das novas realidades que a cidade em constante crescimento impunha. Por um lado, a explosão do número de automóveis na cidade lhe exigia a construção de um estacionamento, o que não fora planejado quando de sua construção. Por outro, a demanda por uma ampliação nos espaços voltados aos sepultamentos em Porto Alegre tornava o local atraente para as empreiteiras que pudessem lucrar com a construção de um novo cemitério. Desde modo, a casa cruzeirista viu seu último jogo acontecer no dia 8 de novembro de 1970, quando enfrentou o Liverpool, do Uruguai.

A nova mudança passava agora por uma complexa negociação envolvendo uma empresa de engenharia responsável pela construção do Cemitério João XXIII (Cortel Engenharia) e a Associação Cristã de Moços (ACM), que administraria o local. Em troca, o Cruzeiro receberia uma área de 22 hectares no Morro Santana e uma porcentagem sobre a venda de sepulturas. Contudo, o Cruzeiro descobriu quando da posse

²⁷ Durante o período em que o Cruzeiro esteve sediado no Estádio da Montanha, o título gaúcho foi conquistado exclusivamente por Grêmio e Internacional, à exceção do ano de 1954, quando foi conquistado pelo Grêmio Esportivo Renner, extinto clube também da capital gaúcha.

que sua nova área encontrava-se invadida, possibilitando-lhe ocupar efetivamente menos da metade do que deveria. Isso impediu a realização do projeto de construir um novo estádio e uma sede social ampla, restando como área definitiva aquela que deveria ser tão somente o seu campo de treinos, que viria a ser batizado, não sem certa ironia, como “Estrelão”: um estádio de dimensões muito acanhadas e localizado em um bairro afastado de Porto Alegre, sem qualquer vínculo afetivo com o clube. Para piorar, também a área onde deveriam ser construídas as sepulturas cujo lucro deveria reverter para o Cruzeiro restou vazia, gerando um contexto que afetou de forma irreversível suas finanças, culminando com um período de licenciamento entre os anos de 1979 e 1991.

Contudo, os reflexos da expansão urbana e as decorrentes mudanças de endereço parecem ser uma sina do Esporte Clube Cruzeiro. Diante da especulação imobiliária que provocava o crescimento dos conjuntos habitacionais nas zonas limítrofes da cidade, sua direção, já no novo século, achou por bem mudar mais uma vez o endereço do Clube, desta vez saindo de Porto Alegre em busca de espaços maiores e que contemplassem novos projetos de crescimento. Assim, os dez hectares que comportavam o Estrelão foram vendidos em 2010. Em troca, o Cruzeiro recebeu uma área no Distrito Industrial de Cachoeirinha, aprofundando ainda mais o sentido de periferação do clube em relação a Porto Alegre. O fenômeno, evidentemente, não se restringe ao Cruzeiro, sendo diversos os exemplos recentes que vão no mesmo sentido.²⁸

Desta forma, podemos entender a história do Esporte Clube Cruzeiro e sua relação com os locais que ocupa na cidade como uma forma de vislumbrarmos também os próprios processos de crescimento urbano e ressignificação dos espaços, abrangendo práticas sociais (de inclusão e/ou exclusão), sociabilidades e interesses econômicos em um intrincado jogo pela construção e atribuição de sentidos ao espaço e a uma agremiação. E o jogo, diga-se de passagem, continua.

Bibliografia

COSTA, Juliano; MAZO, Janice Zarpellon; BATAGLION, Giandra. Estádios de futebol de clubes porto-alegrenses: traçados históricos (1920-1950). In: *Revista Observatório del Deporte: revista de humanidades e ciencias sociales*. Santiago: Universidad de Los Lagos, Vol 5, n°2, 2019.

²⁸ Para ficarmos em alguns exemplos do futebol sul-riograndense: a transição do Grêmio do Olímpico, no centralizado bairro da Azenha, para a Arena, localizada no bairro Humaitá, na divisa de Porto Alegre com Canoas, em 2012; a mudança do Novo Hamburgo, do antigo Estádio Santa Rosa, localizado na região central da cidade, para o Estádio do Vale, no bairro Liberdade, em 2008, e a transição do Clube Esportivo Lajeadense do centralizado Estádio Florestal para a nova Arena Alvi Azul, em 2012.

MARQUES, Bruno Scalzilli Vieira. *Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre: o primeiro clube do futebol gaúcho a competir no exterior (1953-1954)*. TCC (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

MAZO, Janice Zarpellon. *A Emergência e a expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade do Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2003.

MONTEIRO, Charles. *Breve História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012.

SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2014.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. Porto Alegre: PPGeo/UFRGS (Dissertação de mestrado), 2017.

WEBER, Regina. *Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Recebido em 4 de maio de 2023
Aprovado em 2 de agosto de 2023